

## **Ensaio Teórico - A Arqueologia sob a perspectiva filosófica das Teorias Holísticas.**

**Ondemar Dias**

**Professor / Arqueólogo Sênior**

**Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB**

**Jandira Neto**

**Professora /Arqueóloga Especialista**

**Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB**

1. A contribuição da visão holística de mundo para a reconstituição do passado, histórico ou pré-histórico, consiste, a nosso ver, na orientação de que os fenômenos sociais são em si mesmos, complexos, devido à sua indivisibilidade fenomenológica. Seguindo a máxima holística de que o todo não é o somatório das partes, porém as partes contêm o todo, podemos compreender a necessidade do homem de dividir o “inteiro” em “partes” como método de apreensão do conhecimento, pois devido às limitações intrínsecas do seu sistema perceptual, só é possível entender o “todo” através da compreensão de suas “partes”.

Para tanto é importante entendermos o conceito de “parte”. Na perspectiva holística a parte não existe, senão como uma modalidade ou expressão do todo, cujos limites são impostos por quem a estabelece ou define, segundo suas próprias percepções do objeto observado. Por essa impossibilidade de apreender o todo aplicamos nossas buscas às porções acessíveis ao nosso entendimento. O perigo decorrente deste processo usual e de todo comum, é que, na maioria das vezes, nos atemos à parte assim definida como entidade própria, isolada ou completa em si mesma, algumas vezes ignorando-se o complexo inteiro da qual é apenas fragmento.

As ciências canônicas de base filosófica aristotélica tendem a confundir o objetivo da apreensão da realidade, com o método para acessá-la.

Ainda dominante tal base foi construída como única via de acesso ao conhecimento nos últimos séculos da história do homem sendo hoje entendida como seu paradigma. Mas, confusões à parte, seu método sem dúvida procura orientar o estudo dos fenômenos através de processos de análises lógicas e encadeadas, de tal forma que o mundo real é aquele que pode ser provado, experimentado, medido e repetido parte por parte à exaustão, embora nem sempre nos levando a compreensão do objetivo, o “Todo”.

A visão holística concorda e reforça esta base quanto ao uso do seu método de análise, na medida em que este permite a (re) reconstrução do real, divergindo, no entanto, quanto a sua pretensão de explicitar o Todo pela soma das partes estudadas de per si.

Além de estarmos fisiologicamente longe de alcançar a excelência quanto à capacidade de abarcar o Todo com o nosso “equipamento” de Percepção em seu estado atual de desenvolvimento, temos também contra nós séculos de especializações e visões partilhadas do conjunto que conformaram de tal maneira um modo de interpretar o mundo, que hoje é quase impossível entender o fenômeno estudado como um complexo total, integrado.

A perspectiva holística surge como um vislumbre dessa possibilidade, na medida em que a cognição humana se expande (e temos dado grandes saltos nos últimos séculos!) e nos torna cada vez mais aptos a compreender os acontecimentos em sua amplitude.

Este despertar da consciência gera uma crise, um anseio por mudanças que atinge todos os horizontes do conhecimento, mas que, ao mesmo tempo, assusta. Parar significa correr o risco de fossilizar-se, estagnar-se e lançar-se ao desconhecido, é lidar com o imponderável.

Daí ser necessária uma breve parada, reflexiva o bastante, para que se possa fazer o “calibramento” do processo e seu ajustamento às novas perspectivas. Um acumular de forças, necessário para a decolagem que se prenuncia e o alçar de um voo pleno sobre novas visões e modalidades de conhecimento.

2. Na arqueologia os primeiros sintomas dessa mudança, entre o saber especializado e a visão de conjunto, se fizeram com a necessidade sentida pelo pesquisador de acorrer a outras disciplinas, consideradas “complementares”.

Esta “complementaridade”, no entanto só ganha sentido dentro da ótica do pesquisador ao considerar sua ciência como principal, pois o que é complementar para um é, geralmente, o principal para outro. Objetivando dirimir esta questão hoje se prefere usar a palavra multidisciplinaridade com o mesmo sentido, embora nem todos a aceitem.

Um passo a mais nesta visão teórica se fez na medida em que se percebeu que a visão dialética de discussão do processo, ao colocar dois fatores em confronto, objetivando a síntese, forçosamente limitava em cada um deles um universo de questionamentos que geralmente eram menosprezados em benefício da qualidade escolhida como foco de debate.

No entanto numa leitura fenomenológica a questão da percepção dialética pode ser entendida apenas como um processo de limitação da percepção visual a qual se denomina de “relação figura/fundo”:

Quando ponho foco em determinado objeto (figura) necessariamente refuto todo o resto como contexto (fundo) e vice versa.

Este fato cria uma ilusão de separatividade totalmente errônea como, por exemplo, a colocação clássica da questão “homem” versus “natureza”, explicitando-se cada fator de análise como um todo completo. Na perspectiva tradicional aristotélica, teríamos como síntese, a compreensão do papel da cultura. Uma maneira diferente de entender a mesma questão, no entanto, começou a se impor a partir da década de sessenta do século passado,

alterando a compreensão do conjunto, vendo-o como um “todo”, em que qualquer um destes fatores não existe sem o outro (portanto não se opõem). Em outras palavras, que cultura não pode ser entendida isolada do meio, nem que este a determina, havendo uma real interdependência entre ambos, a ponto de a primeira ser considerada como o processo adaptativo próprio do homem, desde que há milênios terminou sua adaptação física às mudanças do ambiente.

Uma das consequências deste ponto de vista, para o estudo e compreensão dos limites e dos reflexos do ambiente sobre as comunidades vivas, em especial as humanas (vivas e extintas) é que não mais se pode restringir o primeiro seja à cobertura vegetal, seja aos índices pluviométricos ou à potencialidade do solo, ou quaisquer outros traços componenciais entendidos isoladamente. O ambiente resulta de um encadeamento de fatores que vai do inorgânico ao supraorgânico e que conforma um todo em que cada componente existe e se justifica em função do conjunto. O mesmo no que diz respeito ao estudo das comunidades humanas. Quem pensa seriamente hoje em dia, que a cultura é somente o resultado de uma junção de pessoas que comem, bebem, procriam e morrem? Quem pode pensar que qualquer dos seus aspectos (material ou não) se explica isoladamente e por si mesmo?

3. A Arqueologia é uma ciência que pensa em termos antropológicos, mas atua em termos históricos. Nenhuma cultura objeto da pesquisa arqueológica pode ser realmente entendida ou explicitada sem estar situada num determinado espaço; ter uma duração temporal e ter assumido formas materializadas, capazes de serem analisadas e descritas pelo agente. De um lado, vem sofrendo as consequências das mudanças aceleradas provenientes da sucessão de “escolas” antropológicas, em especial nos últimos 40 anos; de outro, também as mudanças impostas no processo de construção da história. De ambas recebe as influências, as adapta aos seus objetivos e cria seus instrumentos próprios de construção do real.

A grande questão é que ela também opera utilizando cada um dos componentes que compõem os conjuntos operacionais (históricos ou antropológicos) como partes que existem independentemente do complexo do qual emergiram. Desde a mais simples das suas “divisões” (Arqueologia de Campo e de Laboratório, por exemplo) às interpretações construtivas (“nível adaptativo”; “nível associativo” e “nível mental”, por exemplo) permanecem objetos isolados de atuação, com seus objetivos, métodos, técnicas e até produção literária própria. Mas é possível, hoje, se aceitar que realmente existe uma compartimentação entre o econômico, o social e o ideológico? Ou, ainda mais simplesmente, que se pode proceder a análises laboratoriais sem pesquisas de campo, ou interpretar dados sem submetê-los ao crivo do especialista?

Podemos continuar discutindo cada um desses níveis como um todo, exclusivamente como processo de conhecimento, jamais como realidades isoladas e reais individualmente.

É verdade que, sob o disfarce desta ou daquela corrente ou perspectiva teórica, qualquer um pode assumir a defesa da preponderância de um nível sobre o outro (e até “nomear” correntes de pensamento), especialmente no campo prático da demonstração ideológica; no terreno político da atuação partidária ou no discurso pedagógico, entre outros. Mas, a nosso ver, a tendência que já existe no sentido de se entender a vida como uma teia, um conjunto de atuações encadeadas, vem tornando a cada dia menos provável que algum cientista continue acreditando que um desses níveis seja mais importante do que os demais. Há uma tendência gradual a se aceitar que tudo resulta de um todo complexo, e que os nomes dados aos níveis que o compõem não são nada mais do que referenciais, especialmente do ponto de vista epistemológico.

4. Apesar desta tendência, no entanto, e pelo fato discutido no item 1 deste texto, de que são raras as pessoas que se encontram preparadas, mental e funcionalmente a entender e a explicar o “todo” de uma só abordagem, é que quando intentamos quaisquer reconstituições, ou construções arqueológicas, continuamos necessariamente dividindo a cultura estudada em itens e subitens, pois para compreendê-la (e aos homens e mulheres que a produziram) temos que partir dos mais simples elementos ou das evidências tecnológicas sobreviventes. Isto porque, qualquer artefato criado pelo homem, teve por função dinamizar um dos seus sentidos e atender a uma necessidade, de forma que desde um machado de mão a um micro computador, existe uma cadeia de similaridades que os une, porque todos atendem a este propósito, independentemente da época, do local ou de povo que os produziu. Neste aspecto a arqueologia pré-histórica é exemplar, pois seu universo tem início nas mais humildes amostras sobreviventes do passado, através das quais intentamos chegar às construções teóricas e mentais daqueles que as produziram, eliminando o tempo decorrido entre eles e nós. Cada análise, cada construção é um elo entre dois mundos de ideias pensadas, tornadas materiais, usadas com determinados fins, atendendo especificidades que apesar de aparentemente estarem muito distantes no tempo, umas das outras, se tornam, únicas ou unidas pela inventividade humana. Assim, nos unimos numa ponte atemporal, entre seres que jamais conheceremos, mas que continuam ativos ou vivendo em nós mesmos e que apresentamos ao mundo. Nesta caminhada, cada peça surge como uma máquina do tempo, primeiramente como uma parte isolada, empiricamente entendida como tal. Com o passar do tempo, com a intimidade que a análise proporciona e com o caminhar ao longo das demais evidências do conjunto exumado, cada uma se liga à outra (desde que não é do escopo da arqueologia analisar ou estudar peças isoladas e sem contexto), constituindo uma trilha interligada que conduz

ao conhecimento e reconstitui a vida latente em cada uma delas. O que ocorreu, no entanto, inúmeras vezes ao longo do tempo, é que muitos pensaram que a parte era o todo. Que chegando às pedras do caminho, tinham atingido seu destino. Visualizando a estrada acreditaram ter percorrido toda a rota, satisfazendo-se somente com o conhecimento do roteiro. Felizmente hoje não ficamos mais satisfeitos em reconstituir pedras. Começamos por elas, sim, por necessárias como base, mas nos alçamos acima delas e tentamos enxergar todo o horizonte em que se encaixam, partindo do princípio que elas não se formaram senão com a paisagem e exigimos delas que nos contem sobre seu passado e seu futuro. Afinal, elas moldam um todo, trazem-no dentro de si. Basta que saibamos lê-lo.

**5.** Para terminar acreditamos ser necessário fazermos uma advertência.

A perspectiva filosófica holística propõe conceitos abstratos de grande relevância e adequação às necessidades de se compreender as descobertas mais recentes e fantásticas da física quântica quanto às origens do Universo, como por exemplo, aquela que afirma que desde o Big Bang nenhum átomo novo foi criado.

Assim sendo suas premissas ideológicas são capazes de orientar a construção de um arcabouço teórico de grande amplitude para a compreensão dos fenômenos, e no nosso caso nos faz lembrar que a natureza é complexa, unida e interdependente e que o homem (e sua cultura) se integra indissolúvelmente nela. A natureza se fez pensar pelo homem. Ele se indaga, sobre a sua natureza e sobre tudo o que o cerca.

Para a Arqueologia, entender a unidade natural expressa na cultura humana é o caminho que lhe garante a validade para o futuro e justifica todo o investimento energético e mental de tantas criaturas a ela dedicadas. Mas a visão holística nos oferece também um risco para o qual é necessário um alerta. Ainda não desenvolveu um método científico que viabilize o estudo de maneira a manter as características exigidas pelos critérios de cientificidade do paradigma vigente.

Como método de pensamento, o holismo, aceita o Todo no Tudo, pois em cada parte, o Todo se manifesta no Tudo. O problema é que este Todo nem sempre é compreendido da mesma forma por Todos. Se há milhares de formas de vê-lo e de compreendê-lo, o Tudo deve ser estudado como forma válida de explicação. E aqui existe o risco. Nem Tudo cabe dentro do discurso científico. Nem Tudo é aristotelicamente lógico. E há muita coisa lógica que não é considerada científica. E como o Todo abarca o Tudo, toda cautela é pouca quando da seleção dos dados e dos conceitos a serem utilizados na construção do passado. Podemos pensar no bom senso como medida utilizável; a análise acurada dos informes e dos dados disponíveis e a aplicação dos princípios que norteiam a disciplina e que são sacramentados pelo uso. Além de tudo, a consciência do que a verdade é absolutamente relativa, que cada época tem a sua e que cada conjunto de pessoas a vê de

modo peculiar. A maioria dos cientistas acredita que a verdade é inalcançável e que temos que nos satisfazer com a realidade. Esta sim é bem mais fácil de ser entendida, desde que é aquilo que a maioria aceita como tal. O Real é o partilhado por todos, ou por quase todos, e algo que não é real hoje, poderá vir a sê-lo amanhã, desde que um número suficiente de pessoas o aceite como tal.

Desta forma, o que importa para nossa tarefa, em relação ao holismo, é aplicar aqueles dos seus princípios que enriquecem nossa disciplina, que fornecem novas ferramentas para melhor entender seus objetivos e processos construtivos, isto é: em essência seus conceitos teóricos. Em relação aos métodos, entendemos que temos que continuar a utilizar os que mantêm coerência com os critérios paradigmáticos e de senso comum da ciência canônica. Neste ensaio gostaríamos de ousar defender a possibilidade de ter um olhar holístico sobre a história da humanidade, sem que isto invalidasse nossos critérios de investigadores sociais comprometidos com a realidade, o que, infelizmente, por princípio do próprio nos parece inaceitável.

6. Conclusão: Estamos vivendo um momento importante para as ciências sociais, entre elas a Arqueologia. De um lado, os pesquisadores contam a cada dia com um novo instrumental que lhes permite aprofundar a coleta de material em campo e tornar mais completas as análises laboratoriais e, de outro, vem recebendo a ajuda de uma crescente produção literária que abarca grande parte da sua disciplina, em função da qual se torna cada vez mais complexa e instigante. Sofre, ainda, de carências surpreendentes, entre elas a diminuta produção documental, ou seja, a difusão de dados comparativos, algo que outrora foi chamado pejorativamente de “arqueografia”, que funcionam como os tijolinhos da ciência, sem os quais não se podem construir obras mais sólidas. Na ponta oposta, faltam-lhe também, ainda, discussões mais profundas no campo das teorias, sendo que muitos, sequer, têm consciência das mudanças paradigmáticas que estamos vivendo.

Neste sentido, este texto, em sua modéstia, não tem por objetivo completar lacunas, nem colocar novidades insuspeitadas. Ele é um simples alerta; a colocação de uma inquietação que nos aflige, da tomada de consciência de que é necessário acompanhar tais mudanças e da constatação de que de tal maneira estamos vinculados a todo um sistema milenar de forma de pensar e de atuar na ciência, que somos forçados a adaptar os desejos e as aspirações teóricas aos métodos disponíveis. Algo aparentemente particular, mas que, sem dúvida, é partilhado por muitos, ou seja, de como produzir o novo, alcançar o que se pretende, sem comprometer as fórmulas funcionais que vem garantindo a excelência possível neste campo tão rico de possibilidades e ao mesmo tempo tão dependente da nossa subjetividade.

Ele é uma contribuição aos que se interessam em pensar sobre tais aspectos e sobre tais problemas, procurando somente enfatizar as soluções e os caminhos que hora trilhamos no sentido de fazer o melhor ao nosso alcance

## Notas

1. Publicado no site do IAB em 2009.
2. Publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ), em 2006, Ano 15, N.15, p. 181-189;
3. 3. Revisado para esta publicação em março de 2014.